

Liberais definem a sua fatia

A disputa da presidência do Senado será o principal tema da reunião, hoje à tarde, da comissão executiva nacional provisória do Partido da Frente Liberal. A executiva preparará a reunião dos senadores do PFL que definirá amanhã, os cargos desejados pelo partido na mesa do Senado e os nomes que proporá para estes cargos.

O PFL definiu que quer a presidência do Senado mas não escolheu ainda o nome para este cargo, nem os outros cargos que pretende. Os outros cargos, ou "outro cargo", são negociáveis. A escolha do nome para a presidência foi dificultada com a recusa do senador Marco Maciel, presidente do PFL, que é tido como um nome de boa aceitação no PMDB, neste caso.

O senador Humberto Lucena, líder do PMDB, também deseja a presidência do Senado. Mas, já anunciou a Maciel, ele se dispõe a negociar. O PFL, de acordo com o líder Carlos Chiarelli, condiciona o apoio à candidatura de Ulysses Guimarães à presidência da Câmara ao apoio do PMDB às pretensões do PFL na mesa do Senado.

Outro tema a ser discutido pela executiva do PFL hoje é a instalação das primeiras comissões executivas regionais provisórias. O estado onde o PFL encontra condições mais favoráveis para a primeira instalação da comissão regional é o Piauí, onde o governador Hugo Napoleão lidera os dissidentes do PDS que entraram para o PFL.

Inimigo

"O PMDB não pode fazer alianças com o grande inimigo da sociedade brasileira, hoje, que é o Partido da Frente Liberal". Este é o raciocínio do senador Jaison Barreto (PMDB-SC) ao colocar-se contrário às articulações entre os dois partidos da Aliança Democrática para a escolha do novo presidente da mesa do Senado.

Jaison Barreto acha que o PMDB tem que lançar um candidato próprio. Seu preferido é o líder da bancada, senador Humberto Lucena (PMDB-PA), mas apoiará outro qualquer que o partido indicar. É nada de acordos com o PFL.

— É o que resta do regime militar. Com poder de fogo para combater qualquer tentativa de mudança. Não podemos ficar ao lado dos banqueiros, das oligarquias rurais, dos ex-ministros e do Geisel, afirmou o senador.

Ele não teme, com isto, que o PDS venha a fazer o novo presidente do Senado. "O PDS foi morto dia 15 de janeiro. É um partido sem apoio popular, em processo de extinção", disse.

Jaison Barreto previu também, no caso de o PMDB seguir "subjugado aos interesses das forças conservadoras": "Eu e os setores progressistas seremos expelidos do partido". Segundo ele, a sociedade já está alerta e descontente; conforme testemunham os recentes pronunciamentos da igreja e do governador do Paraná, José Richa, contra o continuismo. Na véspera, dom Aloísio Lorscheider, ex-presidente da CNBB, condenara a condução da formação do ministério Tancredo Neves.

— O PMDB não pode mais fazer alianças à direita. Tem que se redirecionar para evitar o continuismo, observou Barreto.